

Chaminé Brasília

5º VI A1 E4 D5, 450 metros

Localização: Pedra da Agulha, Faces Leste e Norte, Pancas – ES

Conquistadores: Giuseppe Pellegrini, Carlos Russo, Emil Mesquita, Néelson Bravin e Rodolpho Kern, em 16/07/1959

Vias clássicas do CERJ

Dezembro de 2023

A Chaminé Brasília, desde sua conquista, é considerada uma verdadeira lenda da escalada brasileira. Ainda hoje é a maior chaminé já conquistada no país, tendo apenas dez repetições nesses mais de 60 anos desde a conquista. É uma via que atrai escaladores experientes, com grande domínio técnico, bem como um psicológico de ferro para encarar os longos lances expostos. Seu nome é uma homenagem à fundação da cidade de Brasília.

A última cordada que repetiu a via, composta por Gustavo Diniz, Livia Cardoso e Naoki Arima, sugeriu uma reclassificação de sua graduação, passando-a de 5º V A0 D4 para 5º VI A1 D5. Nas palavras de Arima: “...se a Chaminé Cachoeiro é um VI grau..., a Chaminé Brasília também tem que ser um VI pela continuidade, caso contrário todos os graus do Estado precisam ser revistos...”. Em 1999, a oitava cordada a repetir a via, fez a manutenção de alguns grampos. E em 2012, a nona cordada a fazer a repetição, bateu também alguns grampos, esses de inox.

POR QUE É UMA CLÁSSICA?

Em primeiro lugar, a Chaminé Brasília é a via de conquista da Pedra da Agulha. Contudo, a via ainda é a maior escalada em chaminé do Brasil até hoje conquistada e, nas palavras da obra de referência nas vias do Espírito Santo, o livro ESCALADA CAPIXABA, de Oswaldo Baldin, a chaminé Brasília é “Considerada um mito... Exige todos os tipos de técnica deste estilo, visto as diferentes larguras de suas paredes ao longo da via.” Só por isso, já deveria constar nessa lista de grandes clássicas do CERJ.

Além disso, porém, ela teve apenas 10 repetições até hoje. Uma breve olhada nos nomes que constam em algumas dessas cordadas – Salomyth Fernandes, Rodolfo Chermont, Jean Pierre Von Der Weid, Sérgio Poyares, Sérgio Tartari, só para listar alguns (Veja o quadro completo na página 5) – dá uma dimensão do grau de dificuldade dessa parede: apenas escaladores experientes e arrojados se propõem a encarar uma via desse nível.



Acervo pessoal de Livia Cardoso

Os componentes da última cordada a escalar a via, Naoki Arima, Livia Cardoso e Gustavo Diniz, posam diante da Pedra da Agulha.

Uma prova recente do caráter desafiador da via está no fato de que a sua última repetição – 18 e 19 de junho de 2021 –, que contou com dois escaladores do CERJ, Gustavo Diniz e Livia Cardoso (a primeira mulher a repeti-la!), além de Naoki Arima (escalador com vasto currículo nas vias do Espírito Santo), foi premiada com o Mosquetão de Ouro na categoria ESCALADA durante a *Abertura de Temporada de Montanha do Rio de Janeiro 2022*.

Assim, por seu caráter mitológico e desafiador, verdadeira lenda das escaladas brasileiras, não podíamos deixar a Chaminé Brasília de fora da lista de vias clássicas do CERJ.

DESCRIÇÃO

ATENÇÃO!

A descrição da via aqui feita baseia-se nos relatos da última cordada a repeti-la, em 2021, sobretudo nos textos de Gustavo Diniz e Naoki Arima. Se você pretende escalar essa via, busque os relatos originais, mais completos e precisos. Leia também o relato sobre o planejamento da conquista, de 1983. Nosso objetivo com essa descrição é apenas dar uma ideia geral dos lances da via, não ser um guia fidedigno a conduzir sua escalada.



RELATO DE
NAOKI ARIMA



RELATO DE
GUSTAVO DINIZ



BOLETIM 477,
JULHO DE 1983

A PRIMEIRA ENFIADA é composta por um lance de 30 metros ainda fora da chaminé, em agarras e aderência e que é protegido por dois grampos apenas. Após o segundo grampo, há um fácil lance de domínio e chegue-se a um bom platô. A parada tem dois grampos, um original da conquista e um recente.

A SEGUNDA ENFIADA é um lance de *off-width* (entrar com o lado direito para dentro da fenda) com 60 metros de extensão. Atualmente, há 6 grampos para

EXPEDIENTE

CENTRO EXCURSIONISTA RIO DE JANEIRO (Biênio 2022-2024)

Presidência: Mariana Lopes dos Santos

Vice-Presidência: Roberto Schmidt de Almeida

Secretaria: Katia Pacheco e Livia Cardoso

Tesouraria: Mônica Esteves e Carlos Mattos

Diretoria Social: Miriam Gerber

Diretoria Técnica: Luiz Antônio Puppim

Diretoria de Comunicação: Maria Rosa Correia e Jéssika Batista de Souza

Diretoria de Ecologia: José Henrique Menescal Fabrício e Ilana P. Nina Boetger de Oliveira

PROJETO VIAS CLÁSSICAS DO CERJ

Texto: Igor Costa

Relato da Conquista: Giuseppe Pellegrini

Texto sobre Escalada Feminina: Livia Cardoso

Croqui: Marcelo 'Magal' Matos

Agradecimentos: Gustavo Diniz, Livia Cardoso, Carlos Carrozzino, Cláudio Vieira de Castro, Waldecy Lucena, Mariozinho Richard

proteção, mas o trecho foi conquistado com apenas 2, um na base e um ao final. Em alguns pontos, porém, o lance pode ser protegido com fitas em blocos e camalots grandes – apesar de a colocação destes ser precária.

A TERCEIRA ENFIADA tem cerca de 55 metros e é protegida por apenas um grampo. Trecho integralmente em chaminé. A parada conta com dois grampos, um antigo e um novo.

A QUARTA ENFIADA adentra ainda mais a chaminé. A rocha é quebradiça nesse trecho. O primeiro grampo, em um platô na beirada da chaminé, é usado para a descida. Mais acima há um grampo antigo e, ao final de quase 60 metros de corda, um outro grampo antigo e torto. A parada deve ser equalizada com fita em bloco e peças móveis.



Naoki Arima se espreme através da estreita chaminé conhecida como Buraco do Salomyth, passagem que leva de uma face a outra da montanha.

Chaminé Brasília - 5º VI A1 E4 D5, 450 metros

Pedra da Agulha, Faces Leste e Norte, Pancas – ES

Conquistadores:

Giuseppe Pellegrini, Carlos Russo, Emil Mesquita,
Nelson Bravin e Rodolpho Kern

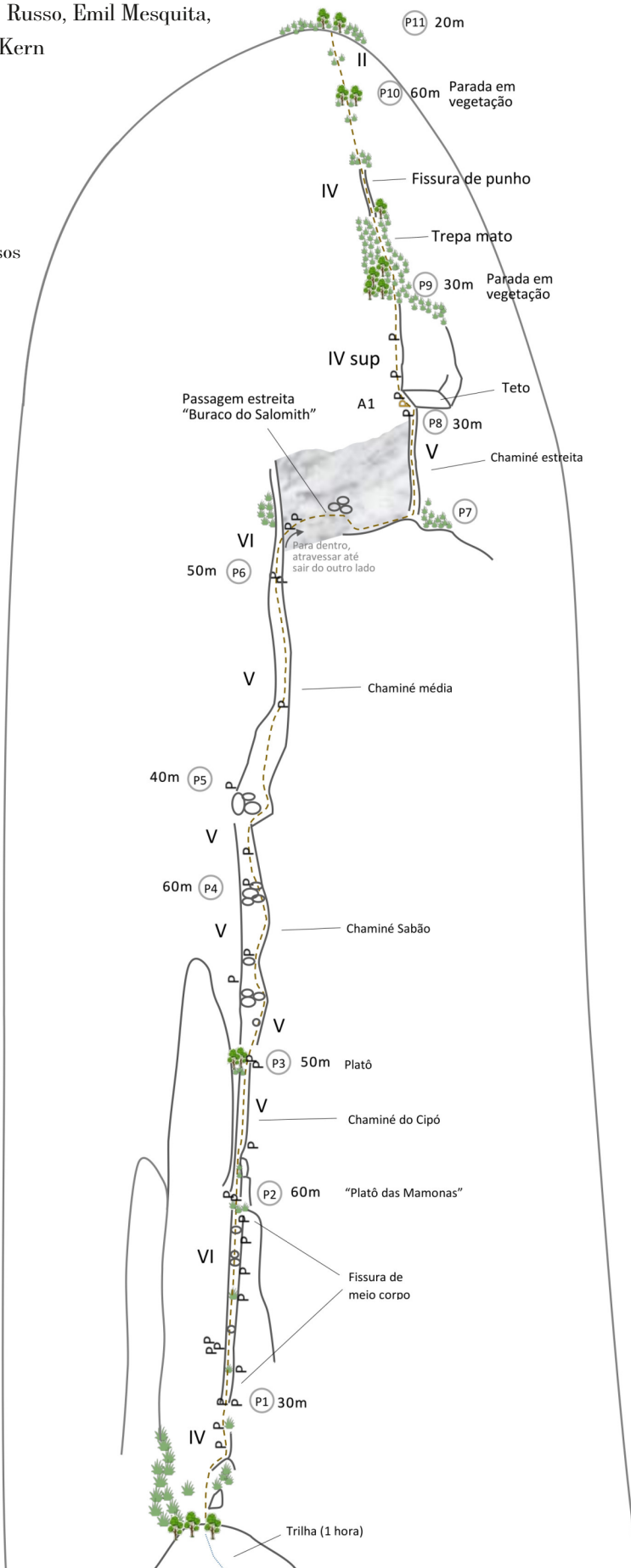
16/07/1959

Equipamentos:

- 2 cordas de 60 metros
- Fitas longas
- Equipamentos móveis diversos
- Ver discussão detalhada no relato do Naoki

Legenda:

- ▣ Grampos de aço carbono
- ▣ Grampos de aço inox



TRACKLOG DE
APROXIMAÇÃO GRAVADO
POR GUSTAVO DINIZ





Vista do trecho inicial em agarras antes de chegar ao primeiro lance de chaminé da via. A via segue uma linha praticamente reta na face Leste da Pedra da Agulha e, após uma passagem estreita para o outro lado, continua pela face Norte.

A QUINTA ENFIADA, de 40 metros, começa em um lance liso em tesoura e sem proteção, mas que pode ser melhorado com um precário camalot. Depois a chaminé se estreita até um buraco apertado, após o qual fica a quinta parada.

A SEXTA ENFIADA é cheia – 60 metros – e tem apenas dois grampos, mas pode ser protegida com algumas peças móveis. Segundo o relato dos escaladores, é um dos esticões mais comprometedores psicologicamente: “*Se a segunda enfiada foi a mais técnica, a 6ª parecia ser a mais frita neurônio.*”, diz Naoki Arima em seu relato.

A SÉTIMA ENFIADA é aquela em que se encontra a famosa passagem conhecida como BURACO DO SALOMYTH. Segundo Gustavo Diniz:

“Esse lance é uma passagem para a esquerda, com um teto composto por três blocos. Passada essa horizontal super estreita, chega-se a um platô que dá acesso ao outro lado da parede. Sim! Uma abertura de uma face a outra da montanha.

Fazer a passagem que é o problema, pois a mesma é muito apertada! Praticamente fiz uma chaminé em HORIZONTAL. Joguei minha cintura na altura do teto de blocos e dei porque a única parte relativamente aberta da passagem é bem junto ao teto.”

A OITAVA ENFIADA é aquela que leva para fora da chaminé, já na outra face da montanha, para um lance feito em artificial. O primeiro grampo do artificial foi tomado pela raiz de uma árvore e está inutilizado.

A NONA ENFIADA começa no meio do artificial, após o qual há uma fenda e segue em uma escalada de agarras e costão. A parada é feita em uma árvore.

O TRECHO FINAL, de uns 80 metros, é um lance de costão com trepa-mato. Paradas também têm de ser realizadas em árvore nesse pedaço.

A descida tem de ser feita por rapel pela própria via. Até o platô no início da oitava enfiada é um rapel simples. Dali, deve-se escalar até o Buraco do Salomyth e refazê-lo em sentido contrário. A partir do meio dele, pode-se montar um rapel até a sexta parada por dentro da chaminé apertada. A partir daí são feitos 4 rapéis longos – duas cordas emendadas – até a segunda parada. O penúltimo rapel – também com corda emendada – é feito com o objetivo de escapar da fenda, para a corda não prender. O último, até a base, pode ser feito com uma única corda.

APROXIMAÇÃO

A aproximação pode ser feita usando-se o *tracklog* gravado por Gustavo Diniz e disponível no QR Code junto ao croqui da via. Segundo os membros da cordada, a trilha segue até um mirante. Dali, há um pequeno trecho mais fechado até a base da via, como mostra o *tracklog*.

REPETIÇÕES

1ª REPETIÇÃO: Em 29/12/1963, uma cordada do CERJ composta por Nelson Bravin, Salomyth Fernandes, Gino de Barros Filho, Etzel Von Stockert, Luiz Carlos Cunha Benjamin e Cláudio Vieira de Castro fez a primeira repetição da via. Segundo anotações do Claudinho:

"...acordamos às 4h da manhã e fizemos a caminhada até a base da escalada, onde aguardamos os primeiros raios de sol para iniciar a subida. Chegamos no cume no final da tarde, deixamos lá um livro dentro de uma caixinha e trouxemos o cantil que os conquistadores haviam deixado lá no cume na ocasião da conquista. Descemos a montanha durante a noite e chegamos de volta à fazenda às 5:30h do dia 30/12."

2ª REPETIÇÃO: Entre os dias 16 e 20 de julho de 1969, uma cordada do CEC composta por Heckel C. Bastos, Carlos de Almeida Braga, Rodolfo da Silveira Chermont de Miranda e Carlos Henrique Tibiriça de Miranda fez a segunda repetição da via. Há uma confusão e alguns acreditam que esta tenha sido a sua primeira repetição, provavelmente porque, no site do CEC, diz-se que esta foi "a primeira repetição do CEC na via". Contudo, no próprio relato dessa expedição, lê-se que "fazia 6 anos que foi a última escalada", ou seja, uma referência à primeira repetição, de 1963.

3ª REPETIÇÃO: Em 1973, após algumas tentativas frustradas, outra cordada do CEC repetiu a via, dessa vez composta por George White "Panela", Jean Pierre Von Der Weid, Alex Pereira e Natanael Oliveira. Jean Pierre relata essa aventura em seu livro HORIZONTES VERTICAIS, de 2006.

4ª REPETIÇÃO: Em 1978, mais uma cordada do CEC fez a via, dessa vez composta por Natanael de Oliveira, Sérgio Bruno, Pedro Paulo de Lima e Silva Filho e Alexandre Garcia.

5ª REPETIÇÃO: Já nos anos 1980, uma cordada composta por Marcelo Leite, Gustavo Helder e Ronaldo Paes fez a quinta repetição da via.

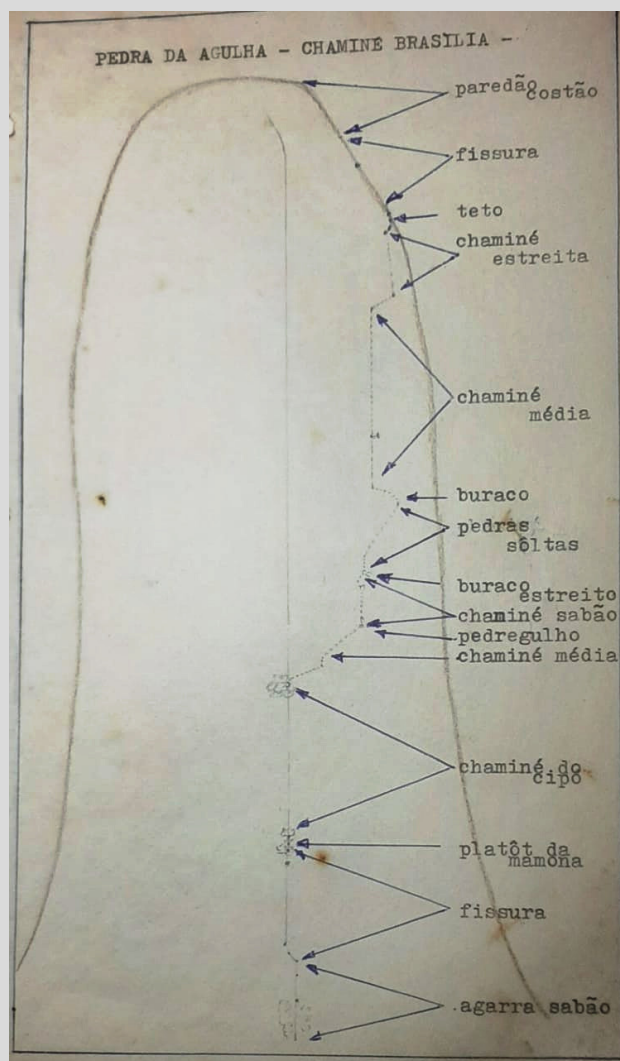
6ª REPETIÇÃO: Ainda nos anos 1980, Sérgio Poyares e Sérgio Bruno fizeram a sexta repetição da via.

7ª REPETIÇÃO: Em 1983, Sérgio Tartari e José Bezerra Garrido fizeram a sétima repetição da via.

8ª REPETIÇÃO: Em 1999, foi a vez do Clube Excursionista Petropolitano (CEP) fazer a oitava repetição da via, escalada que foi relatada na *Revista Fator 2*, nº 4. Essa cordada, composta por Jeferson Monteiro, Adriano Fiorini, Marcel Leoni e Leandro "Bidu", aproveitou para bater seis grampos novos a fim de tornar o rapel mais seguro.

9ª REPETIÇÃO: Em 2012, os escaladores Sandro Souza e Fabrício Amaral fizeram a nona repetição. Essa cordada também bateu alguns grampos novos na via.

10ª Repetição: Em 18 e 19 de junho de 2021, Gustavo Diniz, Lívia Cardoso e Naoki Arima fizeram a décima e, até agora, última repetição da via. Essa cordada foi premiada com o Mosquetão de Ouro na Categoria ESCALADA durante a *Abertura de Temporada de Montanha do Rio de Janeiro* de 2022.



Croqui elaborado por Cláudio Vieira de Castro após a primeira repetição da via, em 1963.

A DESCOBERTA DA PEDRA DA AGULHA

Naqueles anos de 1957, por aí, eu costumava tirar férias e, com isso, saía catando montanhas que fossem interessantes para conquista. Numa dessas, nós soubemos que, perto de Alegre, tinha uma montanha interessante. Então, saímos, naquela ocasião, eu, Marly, Helena Campello e Ethiene e fomos até Alegre para iniciar a pesquisa dessa montanha.

Chegamos em Alegre de noite e, por isso, nos informamos lá de alguma possibilidade para dormirmos. Fomos informados que existia uma escola de frades da ordem de Santo Agostinho que tinha essa possibilidade. Batemos na porta desse colégio e, realmente, fomos muito bem recebidos. Nos colocaram para dormir no dormitório dos alunos que estavam em férias e ficamos por volta de dois dias em Alegre.

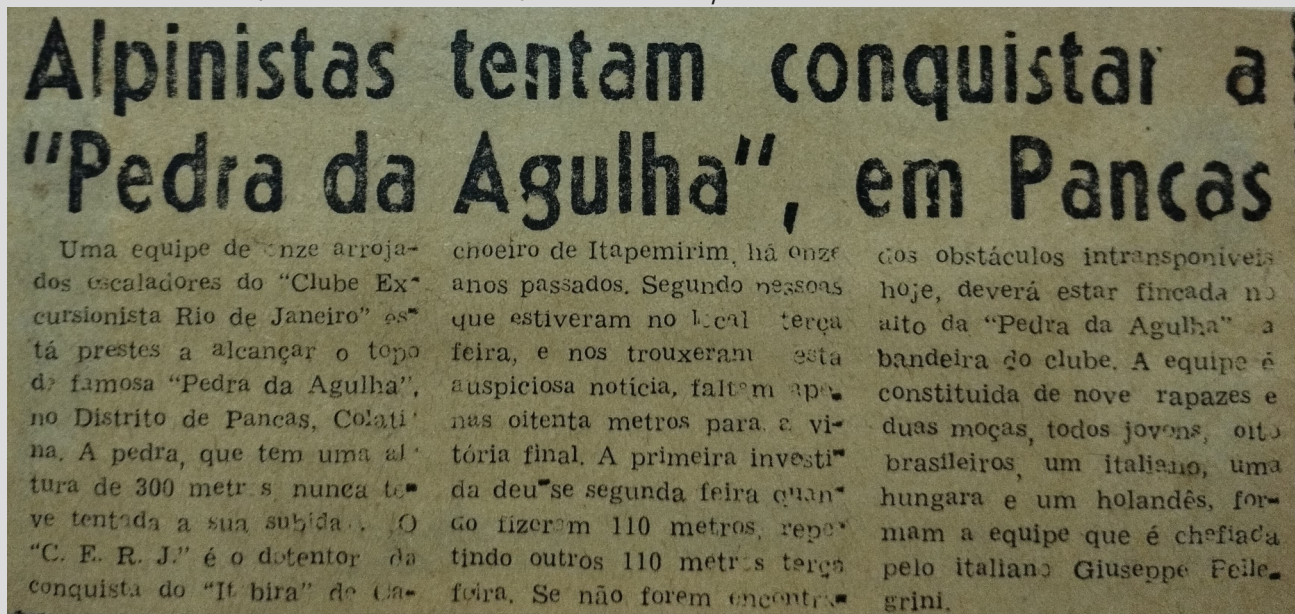
Na noite seguinte, conversamos com dois frades e um juiz. Esse juiz nos informou que conhecia um pico praticamente impossível de subir que estava no caminho de Vila Pancas. Então, tínhamos que ir até Colatina e de Colatina pegar o ônibus até Vila Pancas. Eu anotei e continuamos a exploração, que não deu em nada porque esse pico do qual nos aproximamos, embora interessante, já estava reservado pelo CEB (Centro Excursionista Brasileiro).

No ano seguinte, em 1957, num outro período de férias, organizei um grupo para que nós pudéssemos fazer a exploração. Interessante, nesse dado, é que nós fomos até Colatina, mas eu tinha perdido as minhas anotações e não

lembrava bem do nome de Vila Pancas. Chegamos então em Colatina e nos informaram que havia uma rua da qual saíam todos os ônibus para as várias cidades periféricas de Colatina. Ficamos lá olhando, mas não me lembrava, até que, em um momento, passou um ônibus para Vila Pancas. Era isso! Vila Pancas! Vila Pancas! Pegamos o ônibus e fomos nessa direção.

Interessante também é que, antes de chegarmos ao Pico da Agulha, nós vimos uma montanha também interessante de conquista, mas não valeria a pena sair do Rio de Janeiro para isso, pelo menos naquela época. Logo a seguir apareceu o Pico da Agulha, mais vistoso. Nós fizemos tanto escândalo no ônibus que o ônibus parou para nós tirarmos fotos e festejar aquela visão. Daí seguimos.

Paramos perto de uma fazendola de uma pessoa bastante humilde, de que depois ficamos muito amigos e fizemos a primeira incursão até a base da chaminé, que inicia com alguns lances externos de agarras. Colocamos um grampo com uma placa informando que aquilo já estava ocupado pelo Centro Excursionista Rio de Janeiro. Ao mesmo tempo, também colocamos um grampo do outro lado, em que também seria interessante uma conquista de agarras porque tem uma inclinação aceitável. Daí, todo mundo contente e feliz por ter achado aquela maravilha, voltamos para o Rio de Janeiro. Dessa incursão, eu não me lembro muito dos participantes, mas não havia nela guias de conquista.



Matéria do jornal DIÁRIO, de Vitória, do dia 18 de julho de 1959, anuncia a tentativa do grupo de escaladores do CERJ.

Conquistado o CUME da «PEDRA DA AGULHA» em São Pedro do Pancas

Arrojada vitória de um Clube
Amadorista do Rio de Janeiro

Depois de ingentes esforços de quatro dias, com os olhos voltados para o tópo da famosa «Pedra da Agulha» em São Pedro do Pancas e adjacências, pois a base da pedra ocupa uma área grande, a famosa equipe do Clube Excursionista Rio de Janeiro conquistou no dia 16 o cume da rocha, orgulho do Pancas. Os alpinistas em número de onze, sendo nove rapazes e duas moças, todos jovens, têm grande estima dos moradores daquela zona que a acompanharam dia e noite o trabalho árduo, de dia aproveitando-se

de binóculos fornecidos pelos amadores da escalada e à noite observando os movimentos das luzes; de quando em vez espoucava um foguete dentro da noite abrindo uma claridade maravilhosa na penumbra do luar. A escalada teve como primeira investida, segunda-feira, quando os alpinistas empregaram inicialmente a técnica de «agarra», subindo 110 metros; na segunda investida, de terça-feira, empregaram a técnica de «chaminé» que apresentava-se necesssária, galgando 120 metros. F' (Cont. na página 10

Matéria do jornal FOLHA DO NORTE, de Colatina, do dia 19 de julho de 1959, anuncia finalmente a conclusão da escalada da Chaminé Brasília.

A CONQUISTA

Passou-se um ano, durante o qual consegui montar um grupo de escaladores, no caso, Carlos Russo, Nelson Bravin, Rodolpho Kern e Emil Mesquita. Então, tivemos que organizar todo o material que a gente achava que fosse necessário, certamente muita corda, pois a ideia era encordar toda a via. Chegamos até a comprar mais cordas perto de Vila Pancas com esse objetivo. Fizemos a aproximação – cheguei até a conseguir uma mula para levar o material até o acampamento base – e aí começou verdadeiramente a conquista.

No primeiro dia, subimos a parte externa e uma fissura que, acredito, tinha uns 40 metros. Era uma chaminé que jogava para fora, onde botei um último grampo. Dali descemos. Encordamos e descemos. Na segunda investida, foi

Conquistada...

(CONT. DA 1ª. PAGINA)

interessante informar que esta equipe que venceu a «Pedra da Agulha» é a mesma que subiu e conquistou a Pedra «Itabira» de Cachoeiro do Itapemirim, há onze anos. Ainda este mês, técnicos do mesmo clube irão a Aguiá Branca onde estudarão a possibilidade de escalar os três pontões daquele distrito.

A «Pedra da Agulha» tem mais de 350 metros de altura e tem o formato de um dedo polegar. Os jovens excursionistas são empregados, funcionários e estudantes que estão aproveitando as férias e por conta própria e ainda com auxílio do clube enfrentam esportivamente a perigosa jornada. A vitoriosa equipe é composta dos seguintes membros: Giuseppe Pelegrini (italiano) (Guia), Jacobus Gerritse (holandês) que foram entrevistados pela nossa reportagem que esteve no local e ainda: Nelson Bravin, Carlos Russo, Hemil Mesquita, Thiers Cleper Leite, Luci Lúpia, Rodolfo Kean, Jorge Lopes, Mildem de Tal (brasileiros) e Erika Wolmann (húngara).

«Folha do Norte» prazerosamente apresenta ao Clube Excursionista Rio de Janeiro as congratulações pela vitoriosa conquista da «Pedra da Agulha».

feito um lance meio cata cavaco até a base da Chaminé da Mamona, que é uma chaminé de 60 metros que foi subida pelo Rodolpho até em cima. Se não me engano, encordamos até aí.

Na terceira investida, nós desistimos de encordar. Achamos que não era mais necessário pois aquilo que víamos em frente era chaminé praticamente pura. Naquela época, a gente não levava muito material. Hoje levam-se toneladas de água, material intermediário, friends, piton, etc., mas naquela época era, assim, uma coisa um pouco mais rústica. Inclusive, usamos alpargata e corda de sisal.

Nós subimos. Fomos subindo, grampeando e subindo. Uma cordada era eu e o Russo; a outra era o Bravin, Rodolpho e Emil. Daí fomos, fomos e fomos até que eu e Russo, que estávamos na cordada de frente, começamos a fazer uma chaminé à esquerda - olhando para fora, com as costas na montanha - e eu me lembro que era muito estreita. Não dava nem para grampear onde era necessário. Daí o Russo veio atrás, se encaixou na chaminé. Eu fiquei em pé em cima da perna dele e consegui botar um grampo naquela posição. Dali segui até chegar a um platô em que você via o outro lado da chaminé. Era um platô que, dali, havia outra chaminé, que, não me lembro, tinha uns 20 ou 30 metros. Já estava começando a ficar tarde, pois já devia ser umas cinco horas da tarde, mas a cordada seguinte já vinha atrás.

Nessa altura, eu e Carlos Russo ficamos naquela "Pô, vai você!"; "Não, vai você!" porque achávamos que ali já era o final da escalada. Daí, empurrei o Russo e ele foi. Quando chegou no final dessa chaminé, ele soltou um palavrão: "Porra, cara! Nós chegamos num teto." Fui até ele, vi que tinha um teto que tinha que ser conquistado à esquerda. Coloquei um grampo e, naquela época, eu botava grampo numa rapidez... Acho que foram os meus recordes de colocação de grampo. Daí descemos. Juntamos todo o pessoal ali e tivemos que dormir. Quer dizer, passar a noite.

No dia seguinte, continuamos. A grampeação era à esquerda, bastante fora de posição, de modo que o desenvolvimento não seria muito grande. No entanto, ali nesse platô havia uma espécie de uma mini arvorezinha, talvez de um metro e meio. Por coincidência, o Bravin tinha levado uma faca de escoteiro. Conseguimos então cortar essa arvorezinha e eu comecei a grampear. Depois do segundo grampo, eu usava a arvorezinha como um certo avanço de pelo menos um metro. Não lembro quantos grampos eu coloquei até chegar numa espécie de agarra, meio fendinha, onde coloquei um grampo. Mas eu realmente já estava bastante exausto e dali eu chamei o Bravin.

O Bravin veio, fez mais um lance, botou um grampo, mas também estava meio cansado. Daí eu chamei o Russo, que praticamente não colocou grampo nenhum. Chegamos, então, ao cume com uma sede federal, pois a água já tinha terminado há muito tempo, no dia anterior. Por uma sorte do destino, umas duas semanas antes tinha chovido. Então, no cume, os gravatás estavam cheios de água, embora meio

salobra. Com uns pedaços de capim que cortamos, que pareciam uns canudos, ficamos sugando aquela água, tirando da frente as aranhazinhas que estavam competindo com a gente.

Então descemos.

APÓS A CONQUISTA

Uma coisa interessante é que, para chegar à base chaminé, é preciso fazer uma espécie de costãozinho para se chegar à linha da chegada da chaminé. E como nós tivemos muitas visitas, mais de 500 visitas de pessoal daquela região, tivemos que grampear e botar uma corda para facilitar o acesso desse pessoal que ficava ali no gargalo vendo a gente, ou sentindo a gente fazer a conquista, pois eles não acreditavam muito. Achavam que aquilo era, assim, meio estratosférico. A opinião era a de que a gente estava em busca de esmeraldas lá no cume, porque essa é uma região de muita esmeralda.

Em suma, fomos convidados pela prefeitura de Vila Pancas para passar uns dias lá e fizeram questão de registrar a conquista em cartório. Essa foi a primeira conquista, acho que a única até então, que está registrada em cartório. Não só a conquista da chaminé em si, como a conquista do pico, é importante frisar. Foi a conquista do pico, que era virgem, e a conquista da Chaminé Brasília.

Por que Chaminé Brasília?

Porque a nova capital do Brasil estava para ser inaugurada no início de 1960 e eu trabalhava lá. Quatro meses depois que eu estava trabalhando lá, pedi licença de um mês sem vencimentos. O presidente da obra disse para mim: "Você tá maluco, pô! Está aqui há quatro meses, como você quer férias?" Eu respondi: "Bom, então eu estou pedindo demissão." Aí ele olhou pra mim e disse: "Ah! Não me enche o saco! Vai embora, vá!" Com isso, consegui participar dessa conquista. Voltei ao Rio para começar a finalizar [os preparativos], pois já estava tudo pronto.

Naquela época, o montanhismo ainda não tinha todo o equipamento que tem hoje. Então, era corda de sisal, grampos de 1/2 e 5/8. Também não se tinha costume de levar muita água. A gente subia com bernal, com um pouco de água e... bota a mão pro céu! O negócio era muito mais na capacidade física do pessoal que estava ali, pois todo mundo estava muito bem preparado, comendo pedra.



OUÇA AQUI
O RELATO DO
PELLEGRINI

Eu nunca sonhei em escalar a maior chaminé do Brasil, e muito menos em ser a primeira mulher a fazê-lo. Contudo, lembro que da primeira vez que fui a Pancas e mirei a pedra da Agulha fui instigada pela sua imponência. E pareceu razoável que a próxima viagem a Pancas fosse para realizar essa aventura. E que aventura!

Nessa via há escalada em agarras e aderência, fendas de meio corpo, chaminé de diferentes larguras, e escalada artificial. Para mim a sétima enfiada, com a chaminé em diagonal que culmina no Buraco do Salomith é a mais marcante da via. Os blocos entalados acima, e um capacete entalado abaixo... curioso. A chegada ao cume após tantas horas de escalada foi um alívio, e o clima chuvoso não me desanimou em comemorar essa conquista. Naquele momento era o meu Everest, um feito e tanto para alguém com um ano de escalada.

Em seu livro ISSO NÃO É COISA DE MENINA, Rosângela Gelly busca na memória do montanhismo nacional as mulheres que abriram os caminhos para que eu e tantas outras pudéssemos hoje pisar em outrora inimagináveis cumes. Essas mulheres quebraram barreiras sociais, morais e físicas para se expressarem através do montanhismo. Aqui no Brasil, Henrietta Carsteirs realizou a primeira escalada técnica em 1817 no costão do Pão de Açúcar, e, assim como ela, tantas outras citadas no livro pavimentam o caminho para uma geração de escaladoras a cada dia maior.

O aumento da presença feminina e mulheres escalando vias nos mais altos graus não nos exime de enfrentar um ambiente que reflete valores sociais misóginos e machistas. Para citar um exemplo do tipo de barreira que é colocada às mulheres nesse ambiente, podemos mencionar um levantamento realizado pelas psicólogas Giovanna Vicentini e Liana Gleiser que indica que 55% das mulheres já vivenciaram uma situação de importunação sexual no montanhismo. Nesse contexto, coletivos femininos têm surgido como forma de fomentar a parceria, fortalecer e encorajar mulheres na escalada e no montanhismo de maneira geral. E no CERJ tivemos o lançamento recente da CARTILHA INFORMATIVA E DE PREVENÇÃO À PRÁTICA DE



Livia Cardoso, a primeira mulher a repetir a Chaminé Brasília, ostenta da bandeira do CERJ após a desafiadora escalada.

ATOS DE DISCRIMINAÇÃO E ASSÉDIO, um marco do posicionamento do clube sobre seu dever de informar e lutar contra essas práticas.

Tendo dito tudo isso, afirmo que o maior triunfo que obtive com a escalada da Chaminé Brasília foi a quantidade de mensagens de mulheres que recebi após a escalada e outras tantas após o recebimento do Mosquetão de Ouro. Nessas mensagens, elas me parabenizaram pela escalada e o mais importante me contavam o quanto elas se inspiraram a escalar suas próprias chaminés Brasília.



CARTILHA DO CERJ
SOBRE PREVENÇÃO DE
DISCRIMINAÇÃO E ASSÉDIO